



ISSN 2184-609X

INVADE

ROTA HISTÓRICA DAS LINHAS DE TORRES



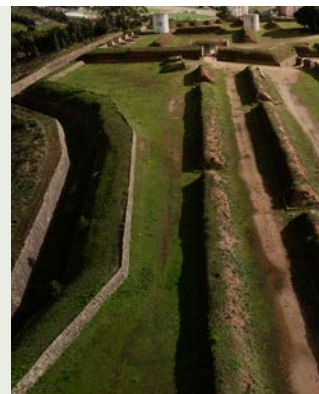
ESCOLHA!

CHOOSE!

A escapadinha que lhe propomos percorre a costa da Lourinhã e Torres Vedras, num percurso que a fragrância e os sabores vindos do mar acompanham a todo o momento.

/ We suggest a new experience not to be missed by those looking to get closer to the power of nature. The getaway we propose runs along the coast of Lourinhã and Torres Vedras, where the fragrance and flavours of the sea always accompany you.

Património para descobrir, praias, provas de vinhos, degustações... Mais que 152 Motivos Fortes. Heritage to discover, beaches, wine and food tasting... More than 152 Good Motives.



"REGISTOU-SE UMA MELHORIA INACREDITÁVEL NO CUIDADO E NO ACESSO AOS LOCAIS DAS LINHAS DE TORRES."

'there has been an unbelievable improvement in the care of, and access to, the locations on the Lines of Torres'

Mark S. Thompson

Historiador militar, escritor / Military historian, writer



**INVADEMAG:
O NOVO PORTAL
DA ROTA HISTÓRICA**
INVADEMAG:
THE HISTORIC ROUTE
NEW PORTAL



ROTA HISTÓRICA DAS LINHAS DE TORRES / PERCURSOS

HISTORICAL ROUTE OF THE LINES OF TORRES VEDRAS / TRAILS

- PERCURSO TORRES VEDRAS NA PRIMEIRA LINHA
- PERCURSO WELLINGTON
- PERCURSO DO PALÁCIO AO ATLÂNTICO
- PERCURSO O NÓ DAS LINHAS
- PERCURSO GRANDES DESFILADEIROS
- PERCURSO A DEFESA DO TEJO
- Ci** CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DAS LINHAS DE TORRES VEDRAS
- TRAIL TORRES VEDRAS – ALONG THE FIRST LINE
- TRAIL WELLINGTON
- TRAIL FROM THE PALACE TO THE ATLANTIC
- TRAIL THE JUNCTION OF THE LINES
- TRAIL THE GREAT PASSES
- TRAIL THE DEFENSE OF THE TAGUS
- Ci** INTERPRETATION CENTRE OF THE LINES OF TORRES VEDRAS



Invade! Nº 9 | dezembro de 2023

EDITOR
José Alberto Quintino
Rota Histórica das Linhas de Torres – Associação para o Desenvolvimento Turístico e Patrimonial das Linhas de Torres Vedras

Praça Doutor Eugénio Dias, 12
2590-016 Sobral de Monte Agraço
(+351) 261 942 296
(+351) 966 132 488

COORDENAÇÃO | *Coordination*
Natália Calvo

REDAÇÃO | *Editorial staff*
Ana Raquel Machado
Marta Fortuna
Sandra Oliveira

REVISÃO | *Proofreading*
Ricardo Lopes

TRADUÇÃO | *Translation*
José Bandeira

FOTOGRAFIA | *Photography*
José Bandeira

PROJETO E DIREÇÃO ARTÍSTICA
| *Design and Art Direction*
implica, designers

DEPÓSITO LEGAL: 462660/19

ISSN 2184-609X

TIRAGEM | *Circulation*:
3000

PERIODICIDADE | *Periodicity*:
semestral | *semiannual*

Distribuição gratuita | *Free distribution*



ÍNDICE / INDEX

EDITORIAL/ Sónia Paixão, Presidente da Assembleia Geral da Rota Histórica das Linhas de Torres **P.4**

GRANDE PLANO/ InvadeMAG: o novo portal da Rota Histórica **P.5**

É DOS NOSSOS/ Maria Sabe-Tudo **P.7**

À CONVERSA COM/ Mark S. Thompson **P.8**

MÃOS À OBRA/ Adega Cooperativa da Lourinhã **P.14**

À MESA DOS GENERAIS/ 150 Gramas **P.17**

UM BRINDE À VITÓRIA/ Casal da Monteiro **P.19**

MUDE! P.21

ONDE DORMIR: Noiva do Mar

ONDE COMER: Restaurante Promar

O QUE FAZER: Vimeiro Clube Aventura | Percurso PR 3 – Pelos Caminhos da Batalha do Vimeiro | Percurso PR 2 – Rota do Atlântico

O QUE VISITAR: Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro | Forte de S. Vicente

ACONTECE NA ROTA/ Festival Novas Invasões | Dia Nacional das Linhas de Torres | 1.ª Marchinha dos Fortes **P.27**

MAIS QUE 152 MOTIVOS/ Museu do Vinho e da Vinha – Bucelas **P.33**

FIQUE EM.../ The Minimal House **P.38**

PRATA DA CASA/ Um Livro de Peso **P.40**

Editorial/ Sónia Paixão, President of the General Assembly of the Historic Route of the Lines of Torres Vedras **P.4**

Spotlight/ InvadeMAG: the Historic Route new portal **P.5**

One of us/ Maria Sabe-Tudo **P.7**

Talking with/ Mark S. Thompson **P.8**

Hands on/ Cooperative Winery of Lourinhã **P.14**

Eating with the Generals/ 150 Gramas **P.17**

A Toast to Victory/ Casal da Monteiro **P.19**

Change! P.21

Where to sleep: Noiva do Mar

Where to eat: Promar Restaurant

What to do: Vimeiro Clube Aventura (Vimeiro Adventure Club) | PR 3 Route - Along the Paths of the Battle of Vimeiro | PR 2 Route - Atlantic Route

What to visit: Vimeiro Battle Interpretation Centre | São Vicente Fort

On The Route/ New Invasions Festival | National Day of the Lines of Torres Vedras | 1st Little March of the Forts **P.27**

More than 152 good motives/ Wine and Vineyard Museum – Bucelas **P.33**

Stay at.../ The Minimal House **P.38**

Homemade/ A Weighty Book **P.40**





Eu invado, tu invades, ele INVADE!

I invade, you invade, he INVADES!

Sónia Paixão

Presidente da Assembleia Geral da Rota Histórica das Linhas de Torres
President of the General Assembly of the Historic Route of the Lines of Torres Vedras

Bom encontrarmo-nos de novo, aqui, onde invadimos e nos deixamos invadir. Pelo prazer de cuidar, conhecer e desfrutar desta oferta turística e cultural de excelência que é a Rota Histórica das Linhas de Torres.

Um projeto que convida, sempre, a superar-nos no conhecimento e abordagens. Que galga a dimensão histórica, projetando-nos no futuro através do pensamento crítico sobre o presente. Um projeto que educa e estimula. Para a paz e cooperação.

Numa época em que o presente nos põe a par - e defronta - com invasões de ordem diversa, é necessário educar, estimular à reflexão e ponderação. Respeitar o espaço do outro, respeitando-nos.

É sob este desígnio que o investimento nos recursos e dinâmicas pedagógicas tem sido uma prioridade, estabelecendo-se sinergias com diversas estruturas - como é o caso da Rede de Bibliotecas Escolares - num projeto catalisador da exploração pedagógica dos mais recentes recursos da Rota Histórica das Linhas de Torres, partindo do livro Jean, John e João. Estratégias e Peripécias das Linhas de Torres.

Conhecer a história, observar a atualidade e a comunidade em que vivemos, nas suas dimensões materiais e imateriais, reconhecendo-as, constituem um importante passo para uma efetiva educação patrimonial, numa lógica transdisciplinar. Daí que a arte não se afaste da nossa mira e incentivemos, também, a criação artística por via dos Prémios INVADE!.

O Festival Novas Invasões trouxe-nos um pouco de tudo isto, na oferta de lazer e conhecimento, numa valorização de iniciativas que cruzam a cultura popular com as práticas de expressão artística e criativas contemporâneas.

Convidamos a um olhar sobre o Museu do Vinho e da Vinha - Bucelas, elemento de relevo na cultura e história local, e conheça mais sobre a obra *Wellington and the Lines of Torres Vedras: the defence of Portugal during the Peninsular War, 1807-1814*, na estimulante conversa com o seu autor, Mark Thompson.

Entretanto, não perca! Conhecimento. Experiência. Sabedoria. Legado. Memória. Tempo.

Não perca tempo e vá já a invademag.pt, o sítio onde a nossa Revista INVADE ganha tempo, espaço e oportunidades. É a nossa revista online, mais completa, para si.

Deixe-se invadir e invada-nos nesta força transformadora, plural e internacional, que é a Rota Histórica das Linhas de Torres.

So nice to meet here again, where we invade and allow ourselves to be invaded. For the pleasure of taking care of, getting to know, and enjoying this excellent tourist and cultural offer that is the Historic Route of the Lines of Torres Vedras.

A project that always invites us to surpass ourselves in terms of knowledge and approaches. It goes beyond the historic dimension, projecting us into the future through critical thinking about the present. A project that educates and stimulates. For peace and co-operation.

At a time when the present brings us face to face with invasions of various kinds, it is necessary to educate, to encourage reflection and reasoning. Respect the other person's space, respecting ourselves.

It is with this in mind that investment in pedagogical resources and dynamics has been a priority, establishing synergies with various structures - such as the School Library Network - in a project that catalyses the pedagogical exploration of the most recent resources of the Historic Route of the Lines of Torres Vedras, based on the book 'Jean, John e João'. Strategies and Adventures of the Lines of Torres Vedras.

Knowing history, observing the present and the community in which we live, in its material and immaterial dimensions, recognising them, is an important step towards effective heritage education, in a transdisciplinary logic. That's why art is not far from our sights, and we also encourage artistic creation through the

INVADE! Awards.

The New Invasions Festival has brought us a little of all this, offering leisure and knowledge, in a way that values initiatives that cross popular culture with contemporary artistic and creative expression practices.

We invite you to take a look at the Wine and Vineyard Museum - Bucelas, an important element in local culture and history, and find out more about 'Wellington and the Lines of Torres Vedras: the defence of Portugal during the Peninsular War, 1807-1814', in a stimulating conversation with its author, Mark Thompson.

In the meantime, don't miss it! Knowledge. Know-how. Wisdom. Heritage. Memory. Time.

Don't waste time and go now to invademag.pt, the place where our INVADE Magazine gains time, space and opportunities. It's our most complete online magazine for you.

Let yourself be invaded and invade us in this transforming, plural and international force that is the Historic Route of the Lines of Torres Vedras.

Numa época em que o presente nos põe a par - e defronta - com invasões de ordem diversa, é necessário educar, estimular à reflexão e ponderação

At a time when the present brings us face to face with invasions of various kinds, it is necessary to educate, to encourage reflection and reasoning.

INVADEMAG: O NOVO PORTAL DA ROTA HISTÓRICA

INVADEMAG: THE HISTORIC ROUTE NEW PORTAL

Em outubro de 2023 aconteceu o lançamento do portal InvadeMAG, criando uma presença forte, e que há muito sentíamos urgente, da revista da Rota Histórica das Linhas de Torres na World Wide Web.

In October 2023, the InvadeMAG portal was launched, creating a strong presence, which we had long felt was urgent, on the World Wide Web for the magazine of the Historic Route of the Lines of Torres Vedras.



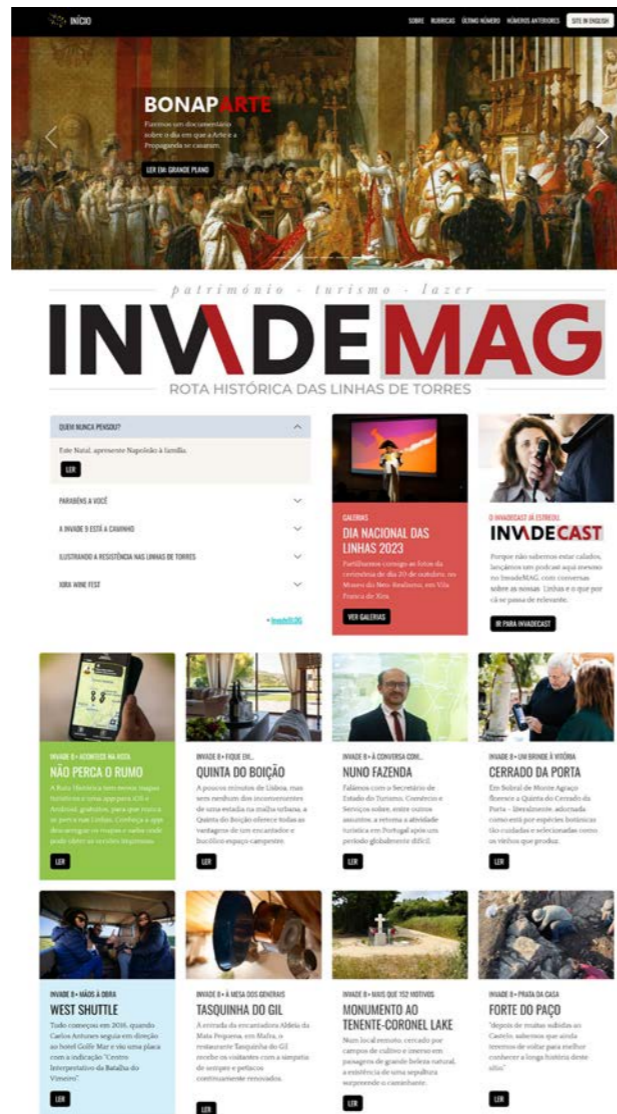
A revista INVADE e o portal InvadeMAG não concorrem entre si. Pelo contrário, complementam-se: por não estar sujeito aos constrangimentos das edições em papel, o InvadeMAG permite oferecer não só conteúdos que não são impressos por limitações de espaço, mas também os que são naturais às novas tecnologias, permitindo uma oferta de maior qualidade às mais variadas faixas etárias, em prol das Linhas de Torres Vedras, da oferta turística da região e da promoção do seu património histórico único.

De facto, o InvadeMAG é muito mais do que a versão online da revista INVADE. Para além de disponibilizar um arquivo exaustivo de todos os conteúdos da versão impressa, o portal oferece funcionalidades que são possíveis apenas em formato digital. O InvadeBLOG é o blogue do InvadeMAG, com informação permanente, em tom coloquial, sobre o que vai acontecendo na região e apontamentos das Linhas e das suas referências histórico-culturais. InvadeCAST é o podcast (em vídeo e disponível também, em áudio apenas, no Spotify) da Rota Histórica. Documentários produzidos pela RHLT, como o BonapARTE e o *Napoleonaea Imperialis*, podem ser vistos diretamente no portal. Galerias de imagens permitem dar ao público uma visão muito mais abrangente dos artigos publicados na revista e dos acontecimentos que vão tendo lugar na Rota Histórica. Publicações em papel da RHLT, como o guia bilíngue No Coração das Linhas de Torres, estão disponíveis em versão PDF. Estas são apenas algumas das muitas funcionalidades que o portal já possui, mas – porque não sabemos estar sossegados – muitas outras serão acrescentadas no futuro.

Por fim, a versão em língua inglesa do InvadeMAG não é uma simples tradução da versão em português. Pelo contrário, é objeto de uma curadoria e edição com o objetivo de acrescentar informação relevante para os leitores de outras nacionalidades e de clarificar textos e referências de difícil compreensão para quem não domina a língua portuguesa.

INVADE magazine and the InvadeMAG portal are not in competition with each other. Quite the opposite, they complement each other: by not being subject to the constraints of paper editions, InvadeMAG allows us to offer not only content that is not printed due to space limitations, but also features that are natural to the new technologies, allowing a higher quality offer to the most varied age groups, in favour of the Lines of Torres Vedras, the region's tourist offer, and the promotion of its unique historic heritage.

In fact, InvadeMAG is much more than the online version of INVADE magazine. As well as providing a comprehensive archive of all the contents of the printed version, the portal offers functionalities that are only possible in digital format. InvadeBLOG is the InvadeMAG blog, with permanent information, in a colloquial tone, on what's happening in the region and notes on the Lines and their historical and cultural references. InvadeCAST is the podcast (in video and also available, in audio only, on Spotify) of the Historic Route. Documentaries produced by RHLT, such as BonapARTE and *Napoleonaea Imperialis*, can be viewed directly on the portal. Image galleries give the public a much more comprehensive view of the articles published in the magazine and the events taking place on the Historic



Route. RHLT paper publications, such as the bilingual guide At the Heart of the Lines of Torres Vedras, are available in PDF format. These are just some of the many features that the portal already has, but - because we can't sit still - many more will be added in the future.

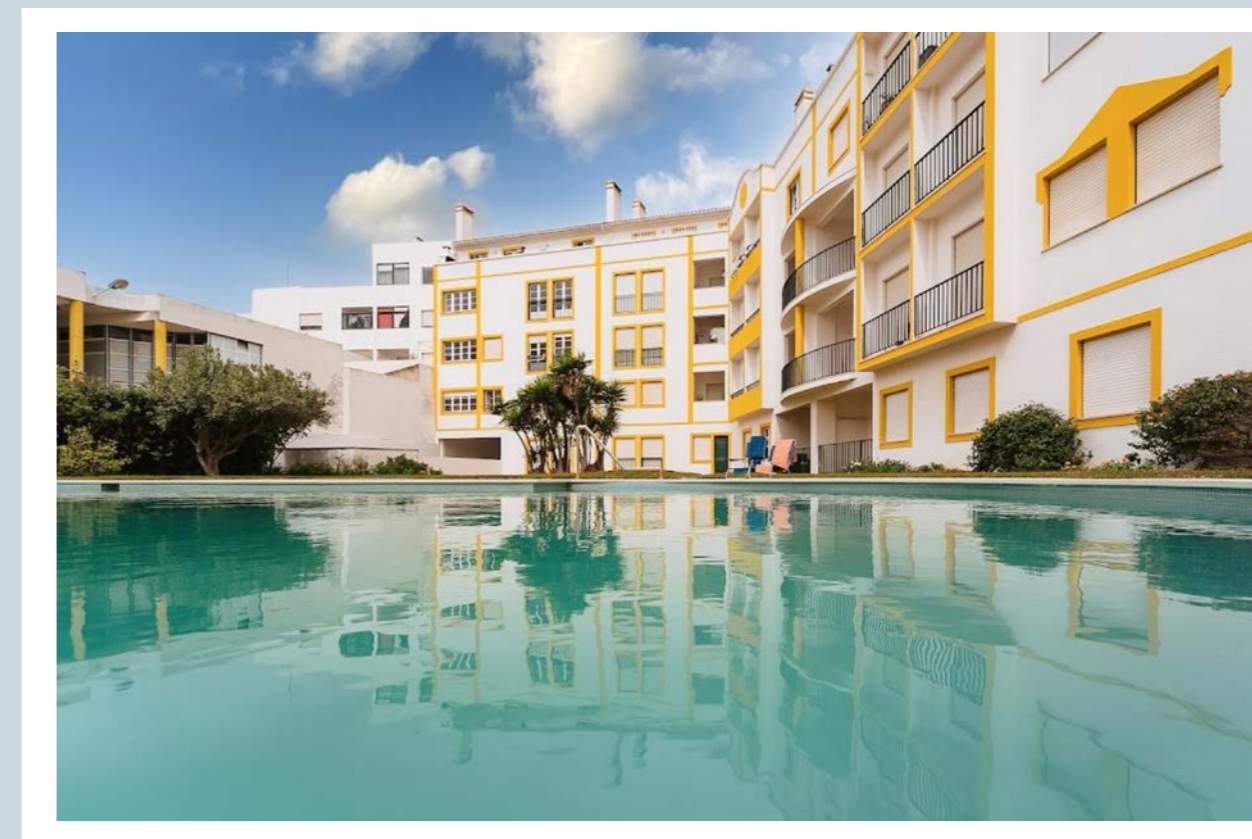
Finally, the English-language version of InvadeMAG is not a simple translation of the Portuguese version. On the contrary, it has been curated and edited with the aim of adding relevant information for readers of other nationalities and clarifying texts and references that are difficult to understand for those who are not fluent in Portuguese.

Aceda aqui
Access here



Maria Sabe Tudo

Alojamento . Santa Cruz



MARIA SABE-TUDO

O Maria Sabe-Tudo é o alojamento perfeito para sacudir o pó da lufa-lufa urbana numas férias relaxantes na pitoresca localidade piscatória e balnear de Santa Cruz. Apetrechado com dois quartos, duas casas de banho e duas varandas debruçadas sobre o irrequieto mar do Oeste, este duplex oferece tudo aquilo de que necessita para revigorar o corpo e apaziguar a alma.

A piscina do Maria Sabe-Tudo é um dos seus atributos mais populares: ampla e abrigada do vento, pode ser utilizada em qualquer altura do ano. A simpática equipa está sempre disponível para atender os seus hóspedes. Localizado numa zona central e com fácil acesso a todos os serviços, incluindo restaurantes e lojas, ao Maria Sabe-Tudo só falta a sua visita.

Maria Sabe-Tudo is the perfect place to shake off the urban hustle and bustle on a relaxing holiday in the picturesque fishing and bathing village of Santa Cruz. Equipped with two bedrooms, two bathrooms and two balconies overlooking the restless Oeste Sea, this duplex offers everything you need to invigorate your body and soothe your soul. Maria Sabe-Tudo's swimming pool is one of its most popular features: large and sheltered from the wind, it can be used at any time of year. The friendly staff are always on hand to assist guests. Located in a central area with easy access to all services, including restaurants and shops, all Maria Sabe-Tudo is missing is your visit.

Contactos

Edifício Miramar
R. Maria Sabe Tudo, 1.º andar N
Santa Cruz
2560-501 Silveira
(+351) 910 824 020
<https://linktr.ee/mariaasabetudo>



Conversámos com Mark a propósito do seu mais recente livro, Wellington and the Lines of Torres Vedras: The defence of Portugal during the Peninsular War, 1807-1814.

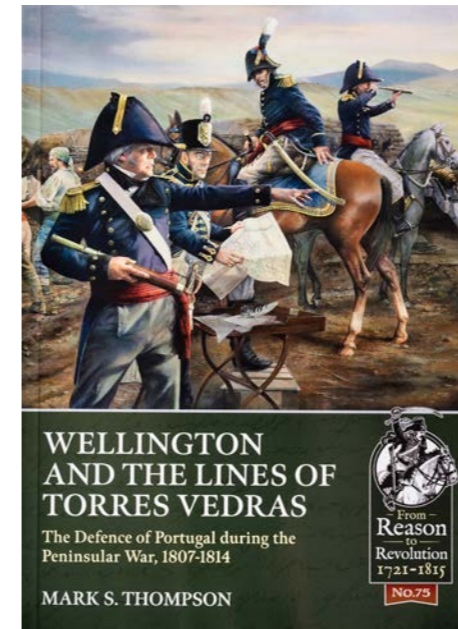
We spoke to Mark about his latest book, 'Wellington and the Lines of Torres Vedras: The defence of Portugal during the Peninsular War, 1807-1814'.

Mark S. Thompson



Arthur Wellesley, Duque de Wellington. Gravura de William Say, 1814, baseada em original de Thomas Phillips

Arthur Wellesley, Duke of Wellington. Mezzotint by William Say, 1814, after Thomas Phillips



Mark S. Thompson é historiador militar e estudioso da Guerra Peninsular desde há cerca de 40 anos, tendo concluído em 2009 um doutoramento sobre o papel dos Royal Engineers naquele conflito, publicado com o título Wellington's Engineers. Publicou vários livros e artigos, participando frequentemente em conferências, tanto no Reino Unido como no estrangeiro. É membro da British Commission for Military History, das associações Friends of the Lines of Torres Vedras e Friends of the British Military Cemetery at Elvas, da Society for Army Historical Research, da Waterloo Association, da Napoleonic and Revolutionary War Graves Charity e da Royal Engineers Historical Society.

Lendo o seu livro, percebe-se que o projeto das Linhas de Torres Vedras tinha tudo para dar errado. Porque é que foi bem-sucedido? Qual foi o momento e a circunstância em que se percebeu verdadeiramente que a sorte tinha sorrido aos Aliados? Por outras palavras, poderá o sucesso do exército Aliado e das Linhas de Torres Vedras ser atribuído a uma determinada decisão ou a um acontecimento específico?

A construção das Linhas começou em novembro de 1809. As ordens originais não descreviam em pormenor o desenho dos fortes. Wellington, tendo percorrido a área, identificou os locais que necessitavam de defesas e os oficiais engenheiros, examinando os locais, decidiram o que era necessário em cada posição. Wellington tinha vivido perto de Torres Vedras em 1808 e terá percorrido as colinas da região. Estou certo de que Wellington terá visto o relatório de Neves Costa, o que o terá ajudado a identificar os locais críticos.

Mark S. Thompson is a military historian who has been studying the Peninsular War for around 40 years. In 2009 he completed a PhD on the role of the Royal Engineers in that conflict, published under the title 'Wellington's Engineers'. He has published several books and papers and frequently participates in conferences, both in the UK and abroad. He is a member of the British Commission for Military History, the Friends of the Lines of Torres Vedras, the Friends of the British Military Cemetery at Elvas, the Society for Army Historical Research, the Waterloo Association, the Napoleonic and Revolutionary War Graves Charity, and the Royal Engineers Historical Society.

Reading your book, one can tell that the project of the Lines of Torres Vedras had everything to go wrong. Why did it succeed? What was the moment and circumstance when it was truly realised that fortune had smiled on the Allies? In other words, can the success of the Allied army and the Lines be attributed to a particular decision or a specific event?

The construction of the Lines commenced in November 1809. The original orders did not detail the design of the forts. Wellington, having ridden over the area, identified the locations that needed defences and the engineer officers examined the locations and decided what was required in each position. Wellington had lived near Torres Vedras in 1808 and will have ridden the hills in the area. I am sure Wellington will have seen Neves Costa's report and this will have helped him to identify the critical locations.

It must be remembered that the original construction work was done quickly with Wellington knowing that a rapid French advance could arrive in front of the Lines as early as Spring 1810. As we now know, Wellington was given an extra six months and this allowed the initial defences to be extended and improved.

There were adjustments to the original plan as the engineers understood what could be achieved e.g. the decision to abandon the area around Castanheira and move the Lines back to Alhandra or the decision to extend the defences around São Julião (St Julian)

The French officers and soldiers would have been demoralised when they saw the Lines. Both were expecting to move into comfortable winter quarters in Lisbon.

I am not sure that there was any specific decision that was critical, it was the scale of the works that disheartened the French. From their positions, they could see the extensive defences on what we now call the First and Second Lines. The French knew they would suffer terrible casualties attacking the Lines and possibly would then not be strong enough to take and hold Lisbon.

There were a number of probing attacks soon after the French arrived in front of the Lines, particularly at Alhandra and Sobral. After this the French settled into a blockade and there appeared to be no intention of further attacks on the Lines.

"Masséna teve conhecimento dos trabalhos defensivos muito antes de chegar à frente das Linhas. Em ambos os casos, era a escala do trabalho que não era bem compreendida."

‘Masséna was aware of the defensive work well before he arrived in front of the Lines. In both cases, it was the scale of the work which was not understood.’

Recorde-se que os trabalhos de construção originais foram executados rapidamente, sabendo Wellington que um rápido avanço francês poderia chegar à frente das Linhas já na primavera de 1810. Como agora sabemos, Wellington teve direito a mais seis meses, o que permitiu alargar e melhorar as defesas iniciais.

Houve ajustamentos ao plano original à medida que os engenheiros compreendiam o que podia ser conseguido, por exemplo, a decisão de abandonar a área em torno da Castanheira e deslocar as Linhas para Alhandra ou a de alargar as defesas em torno de São Julião.

Os oficiais e soldados franceses terão ficado desmoralizados quando viram as Linhas. Ambos esperavam mudar-se para confortáveis aquartelamentos de inverno em Lisboa.

Não estou certo de que tenha havido uma decisão específica que tenha sido crítica, foi a escala das obras que desanimou os franceses. Das suas posições, podiam ver as

The moment when Wellington realised the Lines of Torres had worked would have been on the foggy morning of 15 November when it was reported that Masséna's troops had withdrawn, establishing themselves around Santarém.

For those who have become accustomed to today's instant communication, it is perhaps difficult to understand how armies could be commanded with such a lack of information. It's almost possible to follow your account of Masséna's movements as if it were a detective novel. The secrecy to which the construction of the Lines was subjected also seems unbelievable today. In war as in civil society, what creates more fake news: too much information or the lack of it?

Even in the early 19 Century, generals would have expected to have maps available for countries they were invading. There is much criticism of Masséna's lack of maps although recent research suggests that he had better maps than many historians suggest. An army advancing into enemy territory would have usually sent out scouts. Due to the brutal guerrilla war, the French were unable to do this without sending out large bodies of men. With Masséna were Portuguese officers who would have some knowledge of the country and also French officers who had been there before (e.g. Junot).

The secrecy of the building of the Lines is an interesting question. There is much information to suggest they were not a secret. Many British officers commented on the building of defences. Masséna was aware of the defensive work well before he arrived in front of the Lines. In both cases, it was the scale of the work which was not understood. A British officer travelling up the Tagus, might see the defences around Alhandra. But he would not know that there was a line of forts stretching West to the Atlantic Ocean. Masséna believed that he would be able to force his way through or around the defences.

Information / disinformation was as much a problem then as today. Without satellites, drones or maps, information came in slowly and was often based on someone's opinion rather than fact. The skill was in filtering the information to find truth or fact. The lack of information was always a problem as people tried to fill the gaps with guesswork. You needed to know the source of the information to be able to decide on its accuracy.

On the Lines, Wellington had a telegraph system built to allow rapid communication. With up-to-date information, Wellington could quickly move his troops to where they were needed.

Kandinsky used to say that “everything begins with a point”. For Paul Klee, a line was “a dot that went for a walk”. It’s not difficult to transfer this graphic idea to the Lines and their forts, which are at their best when, seen from the air, they take on all the beauty of their geometry. Was there any passion and creativity, or was it just a matter of following rigid rules in a pragmatic way? Did a military engineer see the Lines of Torres Vedras differently from everyone else?

Access to aerial information has been a huge boost for historians and archaeologists. Aerial and satellite information have allowed us to see structures that are not visible from the ground. Drone technology has allowed us to get much closer to the subjects. We now also have LiDAR and ground penetrating radar that allow us to see what is under the ground. As an example, using LiDAR the trenches used at the siege of Ciudad Rodrigo in 1812 are still clearly visible.

The design of the Lines cannot really be seen as a work of

extensas defesas naquilo a que hoje chamamos a Primeira e a Segunda Linhas. Os franceses sabiam que iriam sofrer baixas terríveis ao atacar as Linhas e que, possivelmente, não teriam força suficiente para tomar e manter Lisboa.

Logo após a chegada dos franceses à frente das Linhas, registaram-se alguns ataques de sondagem, nomeadamente em Alhandra e no Sobral. A partir daí, os franceses instalaram-se num bloqueio e parecia não haver intenção de novos ataques às Linhas.

O momento em que Wellington se apercebeu de que as Linhas de Torres tinham funcionado terá sido na manhã de nevoeiro de 15 de novembro, quando foi noticiado que as tropas de Masséna tinham retirado, estabelecendo-se em redor de Santarém.

Para os que, como nós, se habituaram à comunicação instantânea de hoje, talvez seja difícil compreender como é que os exércitos podiam ser comandados com tanta falta de informação. É quase possível seguir o seu relato dos movimentos de Masséna como se de um livro policial se tratasse. O secretismo a que foi sujeita a construção das Linhas também parece hoje inacreditável. Na guerra como na sociedade civil, o que é que cria mais fake news: o excesso de informação ou a falta dela?

Mesmo no início do século XIX, os generais esperavam ter à disposição mapas dos países que estavam a invadir. Há muitas críticas à falta de mapas de Masséna, embora investigações recentes sugiram que ele tinha mapas melhores do que muitos historiadores sugerem. Um exército que avançasse para território inimigo teria normalmente enviado batedores. Devido à brutal guerra de guerrilha, os franceses não conseguiam fazer isso sem enviar grandes contingentes de homens. Com Masséna estavam oficiais portugueses que teriam algum conhecimento do país e também oficiais franceses que já ali haviam estado antes (por exemplo, Junot).

O secretismo da construção das Linhas é uma questão interessante. Há muitas informações que sugerem que não eram secretas. Muitos oficiais britânicos comentaram a construção das defesas. Masséna teve conhecimento dos trabalhos defensivos muito antes de chegar à frente das Linhas. Em ambos os casos, era a escala do trabalho que não era bem compreendida. Um oficial britânico que subisse o Tejo poderia ver as defesas à volta de Alhandra. Mas não saberia que havia uma linha de fortes que se estendia para oeste até ao Oceano Atlântico. Masséna acreditava que seria capaz de forçar a sua passagem através ou à volta das defesas.

A informação/desinformação era um problema tão grave na altura como hoje. Sem satélites, drones ou mapas, a informação chegava lentamente e era frequentemente baseada, mais do que em factos, na opinião de alguém. A habilidade estava em filtrar a informação para encontrar a verdade ou os factos. A falta de informação era sempre um problema, pois as pessoas tentavam preencher as lacunas com suposições. Era necessário conhecer a fonte da informação para poder decidir sobre a sua exatidão.

Nas Linhas de Torres Vedras, Wellington mandou construir um sistema de telégrafo para permitir uma comunicação rápida. Com informações atualizadas, ele podia deslocar rapidamente as suas tropas para onde fossem necessárias.

Kandinsky costumava dizer que "tudo começa com um ponto". Para Paul Klee, uma linha era "um ponto que foi dar uma volta". Não é difícil transpor esta ideia gráfica para as Linhas e os seus fortes, que estão no seu melhor quando, vistos do ar, assumem toda a beleza da sua geometria. Houve ali alguma paixão e criatividade, ou tratou-se apenas de seguir regras rígidas de forma prag-

"Nos últimos vinte anos, foram publicados em inglês vários livros sobre as Linhas de Torres que realçam a existência e a importância das Linhas."

‘There have been a number of books on the Lines in English over the last twenty years that highlight the existence and importance of the Lines.’

art. It was much more practical. A fort was placed in a position to stop enemy access to a high point or a route through the Lines. Its structure was determined by what it needed to defend and the shape of the ground on which it was to be built.

When we look we see a pretty hill, or river or valley. A military engineer will see a hill as a high point for observation and to command the lower ground around it. He will see a river as a barrier or something that needs to be crossed by bridge or ford. A road will aid movement or hinder movement if it is destroyed. A forest is something to hide movement or to be removed to help with observation. It is a very bleak view of the countryside.

In recent years, a strong communal effort is being made to preserve what still exists and recover what had virtually disappeared from the Lines, from stone structures to the most fragile earthworks. At the same time, a vast region in the centre of Portugal is turning them into an axis of identity and a project for the future. Is there awareness in Britain of this development?

The challenge for the Lines of Torres is that battlefields attract the most attention from those interested in military history. Sieges and defences are less interesting. There is limited knowledge in Britain of the developments on the Lines and in the wider Iberian Peninsula. Groups like the ‘Friends of the Lines of Torres Vedras’ aim to promote the Lines and those who care for them. There have been a number of books on the Lines in English over the last twenty years (including mine) that also highlight the existence and importance of the Lines.

Looking forward we need to look at how we can assist in promotion of these new programmes in Britain.

Precarious structures on the ground, built to last as long as Masséna's troops sieged them – according to your book, many of them were reinforced with stone just to withstand the violence of the climate during that period – are resurfacing today, with a vigour that seems to promise to last for at least another two centuries. What



mática? Um engenheiro militar via as Linhas de Torres Vedras de forma diferente dos demais?

O acesso à informação aérea tem sido um grande impulso para os historiadores e arqueólogos. A informação aérea e por satélite permitiu-nos ver estruturas que não são visíveis a partir do solo. A tecnologia dos drones permitiu-nos chegar muito mais perto dos objetos. Atualmente, dispomos também de LiDAR e de radar de penetração no terreno que nos permitem ver o que está debaixo do solo. Por exemplo, utilizando o LiDAR, as trincheiras utilizadas no cerco de Ciudad Rodrigo em 1812 ainda são claramente visíveis.

O projeto das Linhas não pode verdadeiramente ser visto como uma obra de arte. Era muito mais prático do que isso. Um forte era colocado numa posição que impedia o acesso do inimigo a um ponto alto ou a uma rota através das Linhas. A sua estrutura era determinada pelo que era necessário defender e pela forma do terreno em que devia ser construído.

Quando olhamos uma paisagem, vemos uma bonita colina, um rio ou um vale. Um engenheiro militar verá uma colina como um ponto alto para observação e para comandar o terreno mais baixo à sua volta. Um rio é uma barreira ou algo que precisa de ser atravessado por uma ponte ou um vau. Uma estrada ajuda ou, se for destruída, dificulta o movimento. Uma floresta é algo que esconde o movimento ou que deve ser removida para ajudar na observação. É uma visão muito sombria do campo.

Um forte esforço comunitário vem sendo feito, nos últimos anos, para preservar o que ainda existe e recuperar o que praticamente desaparecera das Linhas de Torres, desde as estruturas em pedra até às mais frágeis obras de terra. Ao mesmo tempo, uma vasta região do centro de Portugal faz das Linhas um eixo de identidade e um projeto de futuro. Há consciência, na Grã-Bretanha, dessa evolução?

was temporary two hundred years ago has now become permanent. Does this surprise you?

Yes, it does. Earthworks by their construction are meant to be temporary structures. It is amazing to think that 200 years later, we can still walk in a ditch that has lain untouched for this time. I hope that new technologies, like LiDAR, will encourage further work to preserve what is still there but hidden. It brings a greater urgency when you can see it.

Even in the last few years I have seen evidence of walls collapsing in maintained forts due to the weather in winter. To last another 200 years will require continuous maintenance.

The preservation of many of the forts is probably due to the fact that they are in inaccessible places. I live near Hadrian's Wall in England, and many of the stones from the wall are spread for many kilometres in every direction to make farm walls! We need to keep sheep in the fields in England. Olive trees and vines do not need fences!

And would it surprise Wellington?

Yes, I think it would. The defences were never meant to last longer than the need for them. The forts required constant maintenance from 1810 to 1814 and I am sure will have degraded quickly after the war. The forts will have left Wellington's memory long before they disappeared on the ground.

Is there still much to discover about the Lines of Torres Vedras?

There certainly is. On my last visit in 2022, I spent some time trying to visit some more remote forts (e.g. forts 76, 78 & 80). In many cases, I failed. I think that there are still opportunities to clear and survey some of these sites. There are some where it is difficult to access them due to the state of the roads (e.g. forts 9, 12 & 13). The biggest threat at the moment is business or industry damaging sites, not realising or caring about their historical importance.

O desafio para as Linhas de Torres reside no facto de os campos de batalha atraírem a maior parte da atenção dos interessados em história militar. Os cercos e as defesas são menos interessantes. Na Grã-Bretanha, o conhecimento sobre os desenvolvimentos nas Linhas e na Península Ibérica em geral é limitado. Grupos como os *Friends of the Lines of Torres Vedras* (Amigos das Linhas de Torres) têm como objetivo promover as Linhas e aqueles que cuidam delas. Nos últimos vinte anos, foram publicados em inglês vários livros sobre as Linhas de Torres (incluindo o meu) que também realçam a existência e a importância das Linhas.

Olhando para o futuro, precisamos de ver como podemos ajudar na promoção destes novos programas na Grã-Bretanha.

Estruturas precárias no terreno, construídas para durar enquanto as tropas de Masséna as cercassem - segundo o seu livro, muitas delas foram reforçadas com pedra apenas para resistir à violência do clima durante esse período - estão a ressurgir hoje, com um vigor que parece prometer durar pelo menos mais dois séculos. O que era temporário há duzentos anos tornou-se permanente. Isto surpreende-o?

Sim, surpreende. As obras de aterro, pela sua construção, são concebidas como estruturas temporárias. É espantoso pensar que, 200 anos depois, ainda podemos caminhar numa vala que esteve intocada durante tanto tempo. Espero que as novas tecnologias, como o LiDAR, encorajem mais trabalho para preservar o que ainda lá está, mas escondido. A premência é maior quando se pode ver.

Mesmo nos últimos anos, tenho visto provas de desmoronamento de muros, em fortes com manutenção, devido às condições climáticas no inverno. Para durar mais 200 anos, será necessária uma manutenção contínua.

A preservação de muitos dos fortes deve-se provavelmente ao facto de se encontrarem em locais inacessíveis. Vivo perto da Muralha de Adriano, em Inglaterra, e muitas das pedras da muralha estão espalhadas por muitos quilómetros em todas as direcções para fazer muros agrícolas! Em Inglaterra, precisamos de manter as ovelhas nos campos. As oliveiras e as videiras não precisam de vedações!

E surpreenderia Wellington?

Sim, penso que sim. As defesas nunca foram concebidas para durar mais do que a sua necessidade. Os fortes exigiram uma manutenção constante de 1810 a 1814 e estou certo de que se terão degradado rapidamente após a guerra. Os fortes terão deixado a memória de Wellington muito antes de desaparecerem no terreno.

Ainda há muito para descobrir sobre as Linhas de Torres?

Certamente que sim. Na minha última visita, em 2022, passei algum tempo a tentar visitar alguns fortes mais remotos (por exemplo, os fortes 76, 78 e 80). Em muitos casos, falhei. Penso que ainda há oportunidades para limpar e inspecionar alguns destes sítios. Há alguns em que é difícil aceder devido ao estado das estradas (por exemplo, os fortes 9, 12 e 13). Atualmente, a maior ameaça são as empresas ou a indústria que danificam os sítios, sem se aperceberem ou se preocuparem com a sua importância histórica.

Os comentários acima não pretendem criticar o trabalho extraordinário efetuado pelas autarquias locais, os CILT e os seus antecessores. Desde a minha primeira visita, há vinte anos, registou-se uma melhoria inacreditável no cuidado e no acesso aos locais das Linhas de Torres. Os muitos Centros de Interpretação espalhados pelas Linhas permitem compreender este vasto projeto. Portugal deve estar orgulhoso do que conseguiu.

"Atualmente, a maior ameaça são as empresas ou a indústria que danificam os sítios, sem se aperceberem ou se preocuparem com a sua importância histórica."

'The biggest threat at the moment is business or industry damaging sites, not realising or caring about their historical importance.'

The comments above are not meant to criticise the amazing work done by the local municipalities, the CILT and its predecessors. Since I first visited twenty years ago, there has been an unbelievable improvement in the care of, and access to, the locations on the Lines of Torres. The many Interpretation Centres across the Lines make it possible to understand this vast project. Portugal, you should be proud of what you have achieved.



Mark S. Thompson

Adega Coope- rativa da Lourinhã

A história da Adega Cooperativa da Lourinhã começa em 1957, data que marca a sua fundação como produtor de vinho branco e tinto. Mais tarde, detendo já o título de pioneira na produção de vinho leve, decide investir também na produção de aguardentes, ainda longe de imaginar quanta distinção alcançaria a marca que estava a criar.

The history of the Adega Cooperativa da Lourinhã ('Cooperative Winery of Lourinhã') begins in 1957, a date that signalled its foundation as a producer of white and red wine. Later, already a pioneer in the production of light wine, it decided to venture into the production of brandies, far from imagining how much distinction the brand it was creating would achieve.





É pela carta de Foral dada por D. Jordão, com a autorização do rei D. Afonso Henriques, que primeiro se percebe a antiga ligação da Lourinhã à produção vitícola, com a Aguardente da Lourinhã a nascer ainda no tempo conturbado das Invasões Francesas.

Foi pelo mérito da sua produção que, em 1992, se estabeleceu a Região Demarcada da Aguardente Vínica de Qualidade com Denominação de Origem Controlada Lourinhã (DOC), atestada como a primeira e única região demarcada do país apenas para produção de aguardentes. Na Europa, está em posição de igualdade com as célebres aguardentes de Armagnac e Cognac.

Porque não somos capazes de ignorar quem põe Mãos à Obra, fizemos uma visita à Adega, guiados pela conhecedora anfitriã, Nádía Santos. Percorremos os seus cantos e recantos, sempre acompanhados por intensos cheiros a que os sentidos não têm como ficar indiferentes. A passagem pelas caves é o momento alto da visita. Ficamos a saber tudo sobre o processo de produção da aguardente, sobre os métodos de envelhecimento e, ainda, como se faz uma prova deste néctar.

A produção é pequena, respeitando toda a tradição, dos métodos de produção até à rotulagem manual. Agende a sua visita e não perca a oportunidade de dar um toque pessoal à sua própria garrafa, marcando com as suas mãos esta experiência como uma memória única.

Contactos / Contacts

Av. Moçambique
2530-111 Lourinhã
(+351) 261 422 107 / (+351) 934 119 814

geral@adegalourinha.pt
www.doc-lourinha.pt

Visitas guiadas com marcação prévia / Guided tours by appointment

It is through the charter given by D. Jordão, with the authorisation of King D. Afonso Henriques, that Lourinhã's ancient connection to wine production first becomes apparent, with the Lourinhã brandy being born during the troubled times of the French Invasions.

It was for the merit of its production that, in 1992, the Demarcated Region of Quality Wine Spirit with the Lourinhã Controlled Designation of Origin (DOC) was established, recognised as the first and only demarcated region in the country solely for the production of spirits. In Europe, it is on a par with the famous Armagnac and Cognac brandies.

Because we can't ignore those who put their hands to work, we took a tour of the winery, guided by our knowledgeable host, Nádía Santos. We travelled through its nooks and crannies, always accompanied by intense smells to which the senses are unable to remain indifferent. The visit to the cellars is the highlight. We learn all about the production process of the brandy, the ageing methods, and how to taste this nectar.

Production is small and respects tradition, from production methods to manual labelling. Book your visit and don't miss the chance to give a personal touch to your own bottle, marking with your own hands this experience as a unique memory.



150 GRAMAS

Já lhe tínhamos dito que as mesas do 150 Gramas, em Vila Franca de Xira, são disputadas por um bom motivo? Parece que vai ter de ir até lá para descobrir qual.

Did we tell you that the tables at 150 Gramas, in Vila Franca de Xira, are hotly contested for a good reason? It looks like you'll have to go there to find out what.



As mesas do 150 Gramas, na sempre desinquieta Vila Franca de Xira, são disputadas e por um bom motivo. Não estamos a falar dos Ovos Rotos com Espargos e Ventricina, seguramente dos melhores de entre todos os que pode encontrar, ainda que vasculhe os recantos à Península. Nem do Socarrat, que pede meças ao valenciano. Nem mesmo do Tartar de Rúbia Galega, dos Croquetes de Osso-buco, do Brioche de Caranguejo, do Rafeiro de Camarão, da Sanduíche de Rosbife, das Puntillitas, da Bruschetta de Biqueirão e Anchova, do Pica-Pau Coreano ou dos Canelones de Rabo de Boi. E não nos venha cá falar dos vinhos de eleição e dos sumos naturais, da Mini-Bola de Berlim, do U Doce ou da Tarte de Merengue e Limão, porque não é de nada disso que se trata aqui.

Também não nos referimos ao trato do pessoal, cuja seleção tanto pode ter sido feita pela competência, como pela simpatia – o critério permanece nebuloso. Nem ao espaço do restaurante em si, não apenas confortável, mas decorado com irreverente esmero e com tudo à vista: o que está a comer é o que pode, querendo, ver cozinhar.

Aos lisboetas que nos leem e vivem na angústia de não estar umas dezenas de quilómetros mais perto do 150 Gramas – que, a propósito, é um projeto de Pedro Teles e Ricardo Leal, sucessor da saudosa pizzeria vila-franquense Bodega 150 –, trazemos boas novas: podem agora dar um saltinho também ao espaço cultural 8 Marvila, onde Pedro e Ricardo mantêm uma carrinha de petiscos que, se não oferece a variedade da casa-mãe, oferece decerto os suficientes (incluindo os ovos rotos!) para lançar uns foguetes e fazer a festa aí na cidade.

The tables at 150 Gramas, in the never-quiet Vila Franca de Xira, are hotly contested, and for a good reason. We're not talking about the *Ovos Rotos* with Asparagus and Ventricina, surely one of the best you'll find, even if you scour the corners of the Peninsula. Nor are we talking about the Socarrat, which begs the Valencian one's pardon. Not even the *Tartar de Rúbia Galega*, the Osso-buco Croquettes, the Crab Brioche, the Shrimp mongrel, the Roast Beef Sandwich, the Puntillitas, the Anchovy Bruschetta, the Korean *Pica-Pau* or the Oxtail Cannelloni. And don't get us started on the Mini-Berlin Ball, the Sweet U or the Meringue and Lemon Tart, because that's certainly not what we're talking about.

Nor are we talking about the staff, who may have been selected for their competence or their friendliness - the criteria remain nebulous. Nor to the restaurant space itself, which is not only comfortable, but decorated with irreverent care and with everything in plain sight: what you're eating is what you can, if you want to, watch being cooked.

To our readers from Lisbon who live in the anguish of not being a few dozen kilometres closer to 150 Gramas - which, by the way, is a project by Pedro Teles and Ricardo Leal, the successor to the long-running Vila Franca pizzeria Bodega 150 - we bring good news: you can now also pop into the cultural space 8 Marvila, where Pedro and Ricardo have a food truck which, if it doesn't offer the variety of its parent restaurant, certainly offers enough (including *ovos rotos!*) to set off some firecrackers and get the party started in the capital city.

CONTACTOS / CONTACTS
Av. Combatentes da Grande Guerra N.º23
2600-131 Vila Franca de Xira
(+351) 963615144
150.reservas@gmail.com

Casal da Monteiro



A história do Casal da Monteiro é tecida por indivíduos que, dia após dia e geração após geração, contribuem para o crescimento contínuo da marca e da família, sempre enraizados na sua terra e no seu vinho.

Localizado no Casal da Monteiro, em Arruda dos Vinhos, este produtor, cujo nome se deve à sua localização, conta já com cinco gerações dedicadas à cultura de vinhas e à produção de vinho. Próximo ao icónico Monte do Gigante, o Casal da Monteiro procura conjugar a História e o Vinho com a mestria tradicional, investindo ativamente na modernização e expansão das suas instalações.

A quinta geração decidiu homenagear a sua terra dando o seu nome ao vinho que produz, originando o vinho Casal da Monteiro, fundado por João Farroilha. Envolvido ativamente na vida da vinha desde tenra idade, João sabia que o seu caminho seguiria por ali. Foi inspirado pela história das suas terras, impulsionado por uma forte determinação no trabalho e motivado por um profundo desejo de honrar os seus que tomou posse do legado familiar — as vinhas e o vinho.

Os vinhos

Dos tintos ricos e encorpados aos brancos refrescantes e delicados, passando pelos encantadores rosés, cada garrafa conta uma história única de dedicação e cuidado. Deixe-se envolver na Lenda da Cova do Gigante, presente nos vinhos deste produtor, um verdadeiro legado enológico. Desfrute de uma experiência sensorial singular a cada copo neste cenário fantástico.

The history of Casal da Monteiro is woven by individuals who, day after day and generation after generation, contribute to the continuous growth of the brand and the family, always rooted in their land and their wine.

Located in Casal da Monteiro, in Arruda dos Vinhos, this producer, named after its location, already has five generations dedicated to growing vines and producing wine. Close to the iconic Monte do Gigante, Casal da Monteiro seeks to combine History and Wine with traditional mastery, actively investing in the modernisation and expansion of its facilities.

The fifth generation decided to honour their land by giving their name to the wine they produce, resulting in the Casal da Monteiro wine, founded by João Farroilha. Actively involved in vineyard life from an early age, João knew that his path would lead him that way. It was inspired by the history of his land, driven by a strong determination to work, and motivated by a deep desire to honour his own, that he took over the family legacy - the vineyards and the wine.

The wines

From rich, full-bodied reds to refreshing, delicate whites, as well as charming rosés, each bottle tells a unique story of dedication and care. Immerse yourself in the Legend of Cova do Gigante, present in the wines of this producer, a true oenological legacy. Enjoy a unique sensory experience with every glass in this fantastic setting.



MUDE O DESTINO ONDE MUDÁMOS O DE NAPOLEÃO

CHANGE YOUR DESTINATION WHERE WE CHANGED NAPOLEON'S

Lenda da Cova do Gigante

Em tempos perdidos na memória, a população do vale de Arruda vivia atormentada por um temível gigante. Era tão imenso e monstruoso que devorava tudo à sua volta de uma só vez, desde manadas de gado e ovelhas até pessoas desavisadas, que tragava com crueldade. Depois, limpava os dentes com arados e dormia uma sesta de barriga cheia. O seu risonar era tão pavoroso que as casas tremiam à sua volta. Com esta terrível criatura, os habitantes de Arruda jamais teriam paz.

Até que, em certa tarde tempestuosa, uma senhora do Lugar da Monteiro que se aventurara a recolher o seu gado foi confrontada pelo formidável Gigante, pronto para a devorar. Sem outro recurso de defesa, ajoelhou-se, ergueu as mãos e apelou aos céus. Naquele exato momento, o Gigante foi fulminado por um raio.

Incapazes de remover o descomunal corpo pestilento, a população apressou-se a cobri-lo com cestos de terra até adquirir a forma de um monte alongado, semelhante a uma grande sepultura: assim surgiu a Cova do Gigante.

Legend of the Giant's Grave

In times gone by, the people of the Arruda valley were tormented by a fearsome giant. He was so huge and monstrous that he devoured everything around him at once, from herds of cattle and sheep to unsuspecting people, whom he swallowed with cruelty. Afterwards, he would clean his teeth with ploughs and take a nap on a full stomach. His snoring was so terrifying that the houses shook around him. With this terrible creature around, the inhabitants of Arruda would never have peace.

That was until, one stormy afternoon, a lady from Lugar da Monteiro who had ventured out to collect her cattle was confronted by the formidable Giant, ready to devour her. With no other recourse for defence, she knelt down, raised her hands and appealed to the heavens. At that very moment, the Giant was struck by lightning.

Unable to remove the huge, pestilential body, the people rushed to cover it with baskets of earth until he took on the shape of an elongated mound, similar to a large grave: this is how the Cova do Gigante came to be.



Contactos / Contacts

Casal da Monteiro
2630-303 Arruda dos Vinhos
(+351) 918 101 879
geral@casaldamonteira.com
Visitas e provas de vinhos com marcação prévia
/ Visits and wine tastings by appointment

Forte de São Vicente, Torres Vedras

São Vicente Fort, Torres Vedras



ONDE DORMIR / WHERE TO STAY | NOIVA DO MAR

NOIVA DO MAR

O curioso nome do alojamento Noiva do Mar, em Porto das Barcas, remete para a história da família que o gere: “Noiva do Mar” era o nome do barco de António Filipe, pescador e distinto residente de Atalaia, que dedicou toda a sua vida à sua família, à sua comunidade e ao seu ofício, a pesca da lagosta. É com ele que nasce a alma deste complexo turístico. Com ele e da união e vontade de três gerações unidas pelo amor, pelo mar e pelo amor ao mar.

Faça o check-in no Noiva do Mar e instale-se com todo o conforto num apartamento concebido a pensar no seu bem-estar, oferecendo todas as condições para estadias a dois, em família ou entre amigos. As instalações incluem SPA, piscina interior e exterior e a sempre benfazeja companhia do mar, que de todos os ângulos acompanha os seus movimentos, com as Berlengas, em frente, por testemunhas.

The curious name of the Noiva do Mar guest house, in Porto das Barcas, goes back to the history of the family that runs it: 'Noiva do Mar' ('Sea Bride') was the name of the boat of António Filipe, a fisherman and distinguished resident of Atalaia, who dedicated his entire life to his family, his community and his trade, lobster fishing. It was with him that the soul of this tourist complex was born. With him and from the union and will of three generations united by love, the sea, and love of the sea.

Check in at Noiva do Mar and settle down in comfort in a flat designed with your well-being in mind, offering all the conditions for stays as a couple, family or with friends. The facilities include a spa, indoor and outdoor swimming pools, and the always welcome company of the sea, which follows your movements from every angle, with the Berlengas opposite as witnesses.

Estrada do Vale Bravo
2530-038 Atalaia, Lourinhã
(+351) 261 430 090
reservas@noivadomar.pt
www.noivadomar.pt

ONDE COMER / WHERE TO EAT

PROMAR
RESTAURANT

RESTAURANTE PROMAR

No pitoresco lugar de Porto Novo, com vista privilegiada para a praia, o mar e o rio Alcabrichel, o restaurante-marisqueira Promar distingue-se pela qualidade das matérias-primas, aliada à esmerada confeção das iguarias da carta gastronómica. É nos melhores pratos de peixe e marisco que se sente a frescura singular da costa atlântica em diferentes receitas da cozinha portuguesa. O Promar trabalha com produtores locais para fazer chegar à mesa o peixe mais fresco, o melhor marisco e as hortícolas mais saborosas que o Oeste tem para oferecer. Aproveite a porta aberta durante todo o ano e desfrute de uma refeição memorável onde se destacam os grelhados, o peixe do mar e mariscos vivos, o arroz de polvo e as cataplanas de bacalhau, tamboril e marisco.

In the picturesque setting of Porto Novo, with a privileged view over the beach, the sea, and the river Alcabrichel, the Promar seafood restaurant stands out for the quality of its raw ingredients, combined with the exquisite preparation of the delicacies on its menu. The best fish and seafood dishes bring out the unique freshness of the Atlantic coast in different recipes from Portuguese cuisine. Promar works with local producers to bring to the table the freshest fish, the best seafood and the tastiest vegetables the Oeste region has to offer. Take advantage of the open door all year round and enjoy a memorable meal featuring grilled meats, sea fish and live shellfish, octopus rice, and cod, monkfish, and shellfish *cataplanas*.

Rua Duque de Wellington, N.º 6
2560-100 Maceira
Torres Vedras
(+351) 261 984 195
geral@feriaspromar.com.pt
www.feriaspromar.com.pt



O QUE FAZER / WHAT TO DO | VIMEIRO ADVENTURE CLUB

VIMEIRO CLUBE AVENTURA

No vale das Escarpas da Maceira, abraçado pelo mar e pelo rio Alcabrichel, vai encontrar o espaço ideal para momentos de lazer, descontração e, como o próprio nome indica, aventura. O leque de atividades disponíveis é vasto e feito à medida do cliente. Preparadas e acompanhadas com todo o profissionalismo, nunca deixam de lado a boa disposição. São muitas as atividades que aqui poderá experimentar: *slide*, tiro com arco, *paintball*, arborismo, parques insufláveis e trampolins, minigolfe, karts a pedais, *bumperball*, aluguer de BTT, escalada, rapel, escorrega de água, para além da organização de festas de aniversário. Como vê, o Vimeiro Clube Aventura tem soluções para todas as ocasiões e dá-lhe muitos motivos para voltar e voltar e... voltar.

In the valley of the Maceira Escarpment, embraced by the sea and the Alcabrichel River, you'll find the ideal place for moments of leisure, relaxation and, as the name suggests, adventure. The range of activities available is vast and tailor-made to suit the client. The activities, prepared and accompanied with the utmost professionalism, never fail to put you in a good mood. There are plenty of activities to try out here: slide, archery, paintball, tree climbing, inflatable parks and trampolines, mini-golf, go-karts, bumperball, mountain bike hire, climbing, abseiling, water slides, as well as organising birthday parties. As you can see, Vimeiro Clube Aventura has solutions for every occasion and gives you plenty of reasons to come back and come back and... come back.

Hotel Golf Mar
Praia de Porto Novo
2560 - 100 Maceira, Torres Vedras
(+351) 261 984 221 / (+351) 916 155 938
reservas@vimeiroclubeaventura.com
www.vimeiroclubeaventura.com



**PERCURSO PR 3
PELOS CAMINHOS
DA BATALHA DO VIMEIRO**

PR 3 ROUTE: ALONG THE PATHS
OF THE BATTLE OF VIMEIRO

Percurso circular, tem início junto ao Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro e leva o visitante a percorrer caminhos e locais cujas memórias estão associadas à batalha. Passando pelo Monumento Comemorativo do Centenário da Batalha, segue-se para a Maceira, onde estiveram tropas portuguesas, e depois para Fonte Lima, onde três brigadas inglesas estiveram ocultas em contraencosta. O percurso conta com 16 km de extensão, que podem ser percorridos em pequenos circuitos..

This circular route starts next to the Vimeiro Battle Interpretation Centre and takes visitors along trails and places whose memories are associated with the battle. Passing by the Monument Commemorating the Centenary of the Battle, it continues on to Maceira, where Portuguese troops were stationed, and then to Fonte Lima, where three English brigades were hidden in the foothills. The route is 16 kilometres long and can be travelled in short circuits.



**PERCURSO PR 2
ROTA DO ATLÂNTICO**

PR 2 ROUTE: ATLANTIC ROUTE

Percurso linear que permite desfrutar de belas paisagens, quer envolvendo o espaço urbano, quer as praias que acompanham todo o percurso. Siga a sinalética desde Porto Novo até à Praia Azul, com passagem por Santa Cruz. Com o mar sempre por perto, percorra trilhos com cenários de cortar a respiração, onde é possível vislumbrar as imponentes arribas desta costa e as praias de areia dourada, que contrastam com o azul do céu e do mar. Deixe-se embalar pelo uivar das ondas e enamore-se pelo arrebatador pôr-do-sol.

A linear route that allows you to enjoy beautiful scenery, whether it involves the urban area or the beaches that accompany the entire route. Follow the signs from Porto Novo to Praia Azul, passing through Santa Cruz. With the sea always close by, walk along trails with spectacular scenery, where you can glimpse the imposing cliffs of this coast and the golden sandy beaches, which contrast with the blue of the sky and the sea. Let yourself be lulled by the howling of the waves and fall in love with the breath-taking sunset.

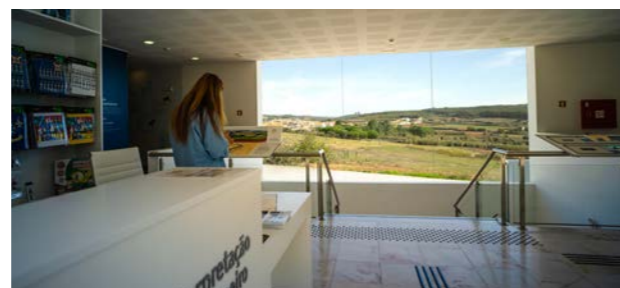


VISITAR / VISIT | VIMEIRO BATTLE INTERPRETATION CENTRE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA BATALHA DO VIMEIRO

Enquanto guardião da memória da batalha ali travada a 21 de agosto de 1808, o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro foi estrategicamente construído junto ao campo onde os exércitos francês e aliado se defrontaram. À entrada do edifício, uma ampla janela assume o papel de miradouro. Enquanto ouve o relato do marcante acontecimento da 1.ª Invasão Francesa, o visitante vislumbra toda a ação... a imaginação é o limite! A Batalha do Vimeiro tornou insustentável a permanência do exército invasor no país, pondo termo à Primeira Invasão e a um curto período de governo francês em Portugal, provando ao mesmo tempo que as tropas napoleónicas não eram, afinal, invencíveis. A visita ao Centro é distribuída ao longo de várias salas, três das quais expositivas, e a um auditório, onde é projetado um vídeo sobre a Batalha do Vimeiro. Da coleção da exposição constam armamento, fardamento, documentação da época e peças arqueológicas únicas. A vasta programação cultural está disponível todo o ano, quer para o público escolar, quer para os restantes visitantes e suas famílias. Este equipamento turístico e documental, inclusivo e acessível a todos, permitir-lhe-á aprofundar o seu conhecimento sobre a Batalha do Vimeiro em particular, mas também sobre a Guerra Peninsular e as Invasões Francesas em geral.

As a guardian of the memory of the battle that took place there on 21 August 1808, the Vimeiro Battle Interpretation Centre was strategically built next to the field where the French and Allied armies clashed. At the entrance to the building, a large window acts as a viewpoint. While listening to the account of the momentous event of the 1st French Invasion, the visitor catches a glimpse of all the action... the imagination is the limit! The Battle of Vimeiro made it untenable for the invading army to remain in the country, putting an end to the First Invasion and a short period of French rule in Portugal, while



proving that the Napoleonic troops were not invincible after all. The visit to the Centre is spread over several rooms, three of which are exhibitions, and an auditorium, where a video about the Battle of Vimeiro is shown. The exhibition's collection includes weapons, uniforms, period documents, and unique archaeological pieces. The vast cultural programme is available all year round, both for schoolchildren and for other visitors and their families. This tourist and documentary centre, which is inclusive and accessible to all, will allow you to deepen your knowledge of the Battle of Vimeiro in particular, but also of the Peninsular War and the French Invasions in general.

Rua do Monumento, N. 17 – A Lourinhã
2530-835 Vimeiro
(+351) 261 988 471
cibatalhavimeiro@cm-lourinha.pt
www.batalhadovimeiro.pt

FORTE DE S. VICENTE | SÃO VICENTE FORT

Esta grande estrutura, cuja admirável geometria se revela numa vista aérea, é composta por três redutos ligados por um fosso comum. Hoje naturalmente livre das suas incumbências de defesa, o conjunto possibilita ao visitante uma bela e instrutiva caminhada, condimentada por vistas excelentes sobre a cidade de Torres Vedras. Construído em 1809, o Forte de São Vicente é considerado uma das mais importantes obras militares de todo o sistema defensivo das Linhas de Torres.

This large structure, whose splendid geometry is revealed in an aerial view, is composed of three strongholds connected by a common moat. Today, relieved of its defence duties, the complex invites the visitor for a beautiful and instructive walk, with excellent views over the city of Torres Vedras. Built in 1809, the São Vicente Fort is considered one of the most important military works of the entire defensive system of the Lines of Torres Vedras.

Forte de São Vicente
2560-629 Torres Vedras
(+351) 261 320 754
linhasdetorresvedras@cm-tvedras.pt

MUDE

Escreva para linhasdetorres@rhlt.pt ou ligue (+351) 966 132 488 para conhecer as vantagens e condições especiais.

CHANGE

Write to linhasdetorres@rhlt.pt or call (+351) 966 132 488 to find out about the advantages and special conditions.

NOVAS INVASÕES

Um festival que sendo
feito de invasões afinal
não é um invasor

/ **New Invasions**

A festival that, being made of invasions, is not an invader after all

João Garcia Miguel



Festival Novas Invasões

New Invasions festival

Num tempo marcado por conflitos que nos mostram a face mais brutal da humanidade, a utilização da palavra INVASÃO, aplicada a um evento de artes e cultura, coloca-nos perante questões de complexa significação. Todas as guerras foram, são e serão trágicas. Convém por isso interrogar: poderá um gesto ínfimo de nomeação e batismo de um Festival: o FESTIVAL NOVAS INVASÕES — conter um modo de olhar a natureza do mundo e das coisas humanas que leve a uma equação da realidade comprometida com a sua atualidade, que não seja um advogar dos males da guerra, e uma invocação poética coletiva?

Entre o ofício das artes e os planos da guerra estabelecem-se pontes semânticas que têm a ver com o facto de o artista e o guerreiro se servirem mutuamente enquanto limites e processos de definição. O guerreiro procura um ideal longínquo que se situa para lá da razão. É um ideal que justifica a guerra e o extermínio do outro. É uma razão da sem razão que o leva a acreditar num futuro melhor e cheio de elementos que trazem o bem-estar e a propagação da vida enquanto tal. Seja mais paz, mais democracia, mais presença da fé e do divino. O artista evoca outros céus. A relação que se pode estabelecer entre o guerreiro e o santo e o artista são desde sempre cruzadas e até necessárias na sua coexistência. Estamos por assim dizer, nos limites da linguagem, onde o gesto enunciado se torna movimento e performance em direção ao desconhecido. Como nos diz o poeta: “O amor é um fogo que arde sem se ver”. Que contradição, que invasão do sentir. Que sensação mais terrível de invasão esta de que uma fogueira, um fogo que alastra

In a time marked by conflicts that show us the most brutal face of humanity, the use of the word INVASION, applied to an arts and culture event, raises questions of complex significance. All wars have been, are, and will be tragic. We should therefore ask ourselves: can a tiny gesture of naming and baptising a Festival - the NEW INVASIONS FESTIVAL - contain a way of looking at the nature of the world and of human things that leads to an equation of reality committed to its actuality, which doesn't mean advocating the evils of war and a collective poetic invocation?

Between the craft of the arts and the plans of war, semantic bridges are established that have to do with the fact that the artist and the warrior serve each other as limits and processes of definition. The warrior seeks a distant ideal that lies beyond reason. It is an ideal that justifies war and the extermination of the other. It is a reason without reason that leads him to believe in a better future full of elements that bring well-being and the propagation of life as such. Be it more peace, more democracy, more presence of faith and the divine. The artist evokes other skies. The relationship that can be established between the warrior and the saint and the artist has always been intertwined and even necessary in their coexistence. We are, so to speak, at the limits of language, where the enunciated gesture becomes movement and performance towards the unknown. As the poet tells us: 'Love is a fire that burns without being seen'. What a contradiction, what an invasion of feeling. What a terrible sense of invasion, that of a bonfire, a fire that spreads inside or outside of us and that we can't see, can't locate, and can't put out, and that will inevitably lead us to the ashes of being.



dentro e ou fora de nós e que não o vendo, não o podendo localizar não se pode apagar e que inevitavelmente nos conduzirá às cinzas do ser.

Significa esta assunção de meios e sentidos que arvoramos para um nome de festival uma condição poética? Sim. Um festival é hoje um lugar de celebração do nosso tempo, das suas contradições, da limitada consciência do que somos e do mundo. Explorar a vida e torná-la um ato poético é propormos usar a cultura em toda a sua dimensão de diferença, de um ato social de informação coletiva. O que se arrola é uma proposição de viagem de onde se regresse inspirado, capaz de olhar o real como um poema. Entrar e sair do Festival Novas Invasões como se se fizesse uma viagem a um tempo estrangeiro, inspirado e capaz de limpar os olhos e o coração e fazer do quotidiano um poema jovial. Onde a alegria e a poesia se conjuguem para explanar de forma iniciática aquilo que faz parte da nossa história mais profunda.

Possamos, assim, vir aqui sem uma procura de ser exaustiva, nem de constituir tese definitiva acerca do que procuramos relevar. Apenas vimos procurar lançar mais clareza e luz sobre a escolha de um nome, que é sempre ambíguo em si mesmo por ser de um ser que se desdobra no campo do existir. Um nome que elegemos para batizar uma organização de cariz artístico e cultural: o Festival Novas Invasões. A relação entre a arte e o poder, ou a arte e a guerra, a arte como experiência que se assemelha a um campo de batalha ou a arte e o terror, sempre foram ambivalentes. O sentir e o sentido do que invocamos nesta invasão é o do existir.

Mas restam-nos hoje que possibilidades de experiência nos tempos cruzados em que vivemos? O que há em nós de profundamente humano, que nos tornou o maior predador à face do planeta onde habitamos? É verdade que a arte, os artistas, todos nós, precisamos acima de tudo de paz, de condições afetivas e de sossego para o desenvolvimento pleno enquanto agentes vivos no tecido social. E, no entanto, a guerra e os seus protagonistas sempre serviram historicamente como

Does this assumption of means and meanings that we have attached to a festival name signify a poetic condition? Yes. A festival today is a place to celebrate our time, its contradictions, the limited awareness of what we are and the world. To explore life and turn it into a poetic act is to propose that we use culture in all its dimensions of difference, of a social act of collective information. What we are proposing is a journey from which we return inspired, able to look at reality as a poem. To enter and leave the New Invasions Festival as if you were travelling to a foreign time, inspired and able to cleanse your eyes and heart and turn everyday life into a joyful poem. Where joy and poetry come together to explain in an initiatory way what is part of our deepest history.

So let us come here without trying to be exhaustive, or to constitute a definitive thesis on what we are trying to highlight. We have only come to try to shed more light and clarity on the choice of a name, which is always ambiguous in itself because it belongs to a being that unfolds in the field of existence. A name we chose to baptise an artistic and cultural organisation: the New Invasions Festival. The relationship between art and power, or art and war, art as an experience that resembles a battlefield or art and terror, has always been ambivalent. The feeling and sense of what we invoke in this invasion is that of existing.

But what possibilities do we have for experience in the intersecting times in which we live? What is deeply human about us that has made us the biggest predator on the face of the planet we inhabit? It's true that art, artists, all of us, above all need peace, emotional conditions and tranquillity in order to develop fully as living agents in the social fabric. And yet, war and its protagonists have historically always served as the purpose and theme of artistic work. Today, given the extreme media pace at which we live, where the role of immortality for



propósito e tema do trabalho artístico. Hoje, dado a extrema velocidade mediática em que vivemos, onde o papel de imortalidade das artes se terá dissolvido, já não será tanto assim. Mas a representação da glória e do sofrimento da guerra foi, durante muito tempo, um tema preferido da arte. A divisão de trabalho entre a guerra e a arte era bastante clara. O guerreiro fazia a luta propriamente dita, e o artista representava essa luta narrando-a ou retratando-a. O artista precisava do guerreiro para ter um tema para uma obra de arte, mas o guerreiro precisava ainda mais do artista. Só um artista era capaz de dar ao guerreiro a fama e assegurar a posteridade para as gerações vindouras. Num certo sentido, a ação heroica da guerra era fútil e irrelevante sem um artista que tivesse o poder de a testemunhar e de a inscrever na memória da humanidade.

Hoje os poetas e nós mesmos: somos os guerreiros e os artistas que conjugam em si os dois lados e que por isso solvem na consciência essa invasão do sonho, e do real. Como nos diz Fernando Pessoa na sua Ode Marítima, o cruel nasce do humano e não lhe escapa. Interrogar o tempo que vivemos, que é soma dos algos herdados do passado, associado à imaginação que nos puxa para o futuro, equilibrando-nos no presente: é correr riscos. É ser capaz de agregar ternura e crueldade. De reunir a inteligência e a alegria capaz de levantar a tristeza das ruas e do chão, de penetrar e invadir a indiferença como um artista guerreiro que procura trazer para a luz dos dias a beleza e a fraternidade.

Hoje somos todos muitas coisas e há em cada um uma miríade de comportamentos que requer jovialidade, coragem e capacidade de humildade para construir um futuro conjunto onde todos possam ser parte. Rir e chorar, pensar e contemplar, dar a mão e combater são tudo facetas desse infinito ser humano, dessa natureza contraditória, tautológica, paradoxal, incompreensível, provocativa, de tudo isso e muito mais, dessa substância de sonhos de que somos feitos.

É por estas razões que defendemos que apesar de o FNI ter como referência um nome que remete para as invasões afinal não é um novo invasor no sentido da guerra, no sentido que essa palavra contém se apenas a utilizarmos no seu sentido histórico. É mais uma provocação dos sentidos da história, da nossa humanidade e desumanidade, do pensar uma ecologia que necessitamos de trazer para a consciência. É uma provocação ao sentir e ao fazer em conjunto, em comunidade que aqui nos propomos trazer à superfície e às ruas de Torres Vedras. Este é o diálogo que desejamos e oferecemos a quem nos visita. Voltamos em 2025.

the arts will have dissolved, this may no longer be the case. But the representation of the glory and suffering of war was, for a long time, a favourite theme of art. The division of labour between war and art was quite clear. The warrior did the actual fighting, and the artist represented that fighting by narrating or portraying it. The artist needed the warrior to have a subject for a work of art, but the warrior needed the artist even more. Only an artist could give the warrior fame and ensure posterity for generations to come. In a sense, the heroic action of war was futile and irrelevant without an artist who had the power to bear witness to it and inscribe it in the memory of humanity.

Today, poets and ourselves: we are the warriors and the artists who bring both sides into one and thus solve this invasion of the dream and the real in our consciousness. As Fernando Pessoa tells us in his Ode Marítima, the cruel is born of the human and does not escape it. To question the time we live in, which is the sum of what has been inherited from the past, combined with the imagination that pulls us towards the future, balancing us in the present: it's taking risks. It's being able to combine tenderness and cruelty. To bring together intelligence and joy capable of lifting sadness from the streets and from the ground, to penetrate and invade indifference like a warrior artist seeking to bring beauty and fraternity into the light of days.

Today we are all many things and there is a myriad of behaviours in each of us that require joviality, courage and a capacity for humility in order to build a future together where everyone can take part. Laughing and crying, thinking and contemplating, holding hands and fighting, are all facets of that infinite human being, of that contradictory, tautological, paradoxical, incomprehensible, provocative nature, of all that and much more, of that substance of dreams of which we are made.

It is for these reasons that we argue that although the FNI has a name that refers to invasions, it is not a new invader in the sense of war, in the sense that this word contains if we only use it in its historical sense. It is more a provocation of the meanings of history, of our humanity and inhumanity, of thinking an ecology that we need to bring to consciousness. It is a provocation to the feeling and doing together, in community, that we propose to bring to the surface and to the streets of Torres Vedras. This is the dialogue we want and offer to those who visit us. We'll be back in 2025.

Dia Nacional das Linhas de Torres / National Day of the Lines of Torres Vedras

Comemoramos para honrar a memória de um acontecimento passado e das pessoas que o viveram. Celebramos para partilhar essa memória com os outros e transformá-la num sentimento positivo para a comunidade. No dia 20 de outubro, como sempre fazemos, comemorámos as Linhas de Torres e celebrámos consigo o nosso Dia Nacional.

Aos vilafranquenses que possam ter-se sentido alarmados pela presença de uma galante tropa, munida de sabres, pistolas e carabinas, em frente ao Museu do Neo-Realismo, queremos afiançar: a guarda era de honra, e as intenções, gentis. Tampouco os camponeses que ocupavam parte do passeio representavam qualquer perigo para a ordem pública, não obstante os varapaus e forquilhas de que, por motivos históricos, não se separam nunca.

Eles estavam ali para, com muitos outros amigos das Linhas de Torres, participar na celebração do seu Dia Nacional. A casa, como todos os anos acontece, encheu; e até Junot – que não quisemos pôr na rua com armas e bagagens – se fez convidado para nos ler o testamento que nunca redigiu. Houve discursos, entregou-se os prémios Wellington Honour e pôs-se a conversa em dia com um bom vinho da região.

Este ano, os Wellington Honour foram entregues às seguintes pessoas ou entidades:

Ambiente e Sustentabilidade: AIDGLOBAL, Ação e Integração para o Desenvolvimento Global;

Cultura e Criatividade: Grupo de Danças Históricas da Batalha do Vimeiro;

Acessibilidade e Inclusão: Associação VOA – Inclusão para a Deficiência;

Desporto e Movimento: Clube Desportivo, Recreativo e Cultural da Calhandriz;

Promoção e Divulgação: Clive Gilbert.

Sobretudo – e é isso que todos os anos, cada vez mais, fica – homenageou-se o passado e celebrou-se o futuro da nossa região.

We commemorate to honour the memory of a past event and the people who lived through it. We celebrate to share that memory with others and turn it into a positive feeling for the community. On 20 October, as we always do, we commemorated the Lines of Torres Vedras and celebrated our National Day with you.

To those residents of Vila Franca de Xira who may have been alarmed by the presence of a gallant troop, armed with sabres, pistols and rifles, in front of the Museum of Neo-Realism, we want to assure you: the guard was one of honour, and their intentions were kind. Nor did the peasants who occupied part of the pavement pose any danger to public order, despite the sticks and pitchforks from which, for historical reasons, they are never separated.

They were there, along with many other friends of the Lines of Torres Vedras, to take part in the celebration of their National Day. The house was packed, as it is every year, and even Junot - who we didn't want to throw out 'with arms and baggage' - was invited to read us the testament he never wrote. Speeches were made, the Wellington Honour awards were handed out and a good wine from the region was enjoyed while people caught up on conversation.

This year, the Wellington Honours were awarded to the following people and organisations:

Environment and Sustainability: AIDGLOBAL, Action and Integration for Global Development;

Culture and Creativity: Grupo de Danças Históricas da Batalha do Vimeiro;

Accessibility and Inclusion: VOA Association - Inclusion for the Disabled;

Sports and Movement: Calhandriz Sports, Recreational and Cultural Club;

Promotion and Dissemination: Clive Gilbert.

Above all - and this is what remains every year, more and more - the past was honoured and the future of our region was celebrated.



1.ª Marchinha dos Fortes

1st Little March of the Forts

A Marcha dos Fortes, que acontece em outubro e atravessa o território das Linhas de Torres numa extensão de 44Km, vai já na sua 17.ª edição, o que faz dela uma honrável veterana. Este ano, a grande novidade foi a sua irmã mais nova, a Marchinha dos Fortes, pensada para as famílias e que na sua primeira edição animou os 4Km de alegre caminhada com muitas atividades.

De entre os muitos valentes da Marcha que, sob um céu carregado, chegaram ao topo da Serra do Socorro para uma pausa retemperadora, um grupo sobressai: os mais bravos de entre os bravos – os pequenos participantes da 1.ª Marchinha – traziam nos olhos o orgulho de uma missão cumprida. Eles não contam quilómetros à dúzia, como o fazem os caminhantes mais velhos. Mas as muitas árvores que, com a ajuda dos pais e de muitos amigos igualmente generosos, deixaram plantadas numa colina da serra são um excelente augúrio para o nosso futuro comum.

E enquanto os participantes da Marcha dos Fortes iniciavam a segunda parte da sua epopeia, os da Marchinha ficaram ali mesmo, no topo da serra, a aprender a manejar um telégrafo de balões do tempo da Guerra Peninsular, com uma alegria contagiante e um empenho que muito jeito teria dado duzentos anos atrás.

The March of the Forts, which takes place in October and crosses the territory of the Lines of Torres Vedras over a 44km stretch, is now in its 17th edition, making it an honourable veteran. This year, the big novelty was its little sister, the Little March of the Forts, aimed at families and which, in its first edition, enlivened the 4 kilometres of joyful hiking with lots of activities.

Among the many brave marchers who, under a heavy sky, reached the top of the Serra do Socorro for a refreshing break, one group stood out: the bravest of the brave - the little participants of the 1st Little March - had the pride of a mission accomplished in their eyes. They don't count kilometres by the dozen, as older hikers do. But the many trees that, with the help of their parents and many equally generous friends, they have planted on a hill in the mountains are an excellent omen for our common future.

And while the participants in the March of the Forts set off on the second part of their epic, those in the Little March stayed right there, at the top of the mountain, learning how to operate a balloon telegraph from the time of the Peninsular War, with a contagious joy and a commitment that would have come in very handy two hundred years ago.



MARCHINHA DOS FORTES



Rota Histórica das Linhas de Torres
www.rhlt.pt



/ MAIS DO QUE 152 MOTIVOS FORTES / MORE THAN 152 GOOD MOTIVES

Museu do Vinho e da Vinha – Bucelas

Wine and Vineyard Museum – Bucelas



Nos anais nómadas da nossa história coletiva, a arte da vinicultura surgiu como um emissário subtil de instintos civilizadores. Errantes que éramos na antiguidade, encontramos uma profunda ligação ao solo através do cultivo metódico do vinho: ao contrário do ciclo dos cereais, cujas sementeiras e colheitas anuais não exigiam morada fixa, as vinhas impunham fidelidade a um lugar e reclamavam a nossa atenção durante todo o ano.

Com escrupulosa devoção, cuidámos das uvas, sabendo que a alquimia da transformação estava na sua essência. Na reverência silente das mentes antigas, o processo de vinificação desenrolava-se como um espetáculo oculto e sublime. Não surpreende que estas transições alquímicas, imperceptíveis a olho nu e fonte permanente de assombro e admiração, tenham levado os antigos a elevar o vinho ao altar do sagrado.

O vinho tornou-se símbolo, alegoria e metáfora, uma libação que transcendia o material para incorporar a essência espiritual da nossa existência comunitária, marcando as horas, os dias, as semanas e os meses de um calendário que lhe passou a estar subordinado. É destas horas, dias, semanas e meses que lhe fala o Museu do Vinho e da Vinha: as horas, os dias, as semanas e os meses dos homens e mulheres que se fixaram neste lugar e, fiéis ao solo e à essência milenar das uvas que aqui medravam, fizeram seu o nome de Bucelas.

Assim envolto nos tecidos da tradição local, o museu apresenta-se como um organismo vibrante, guardião dos esforços, narrativas e memórias que unem a comunidade, a terra e o património. A sua bússola rege-se pelos vinhos emblemáticos do território de Bucelas, tornando-o, não um simples repositório de informação avulsa, mas uma crónica pulsante

In the nomadic annals of our collective history, the art of winemaking emerged as a subtle emissary of civilising instincts. Wanderers that we were in ancient times, we found a deep connection to the soil through the meticulous cultivation of wine: unlike the cereal cycle, whose annual sowings and harvests required no fixed abode, vineyards imposed fidelity to a place and demanded our attention all year round.

With scrupulous devotion, we took care of the grapes, knowing that the alchemy of transformation was at their core. In the hushed reverence of ancient minds, the wine-making process unfolded like an occult and sublime spectacle. No wonder these alchemical transitions, imperceptible to the naked eye and a permanent source of awe and fascination, led the ancients to elevate wine to the altar of the sacred.

Wine became a symbol, an allegory, and a metaphor, a libation that transcended the material to incorporate the spiritual essence of our communal existence, marking the hours, days, weeks, and months of a calendar that became subordinate to it. It is these hours, days, weeks, and months that the Wine and Vineyard Museum tells you about: the hours, days, weeks, and months of the men and women who settled in this land and, faithful to its soil and to the millenary essence of the grapes that flourished in it, made the name of Bucelas their own.

Wrapped in the fabrics of local tradition, the museum presents itself as a vibrant organism, guardian of the endeavours, narratives and memories that unite the community, the land, and the heritage. Its compass is guided by the emblematic wines of the Bucelas territory, making it not





da existência coletiva, com todas as suas dificuldades, alegrias e retribuições.

Instalado num edifício cuja história se funde com a tradição vitivinícola local, o museu apresenta dois espaços expositivos distintos. A exposição permanente põe em relevo o intrincado bailado da labuta da vinha e os venerandos rituais do artesanato vinícola, convidando quem o visita a mergulhar no âmago destas tradições. No mezanino, dedicado a exposições temporárias, elabora-se discursos expositivos consistentemente ligados ao tema do vinho.

A narrativa do Museu do Vinho e da Vinha não se esgota, porém, no visual. Uma loja acena-lhe com tentações vnicas, oficinas têm aqui regularmente lugar e um manancial de conhecimento reside no Centro de Documentação, cuja atividade constitui, em si mesma, uma homenagem ao vinho, à vinha, ao território vinícola de Bucelas e às gentes que hoje, como ontem, o habitam. Por fim, um Centro de Interpretação mergulha nos anais da Guerra Peninsular, um interlúdio histórico enleado no tecido da própria terra.

O Museu do Vinho e da Vinha dá vida ao centro de Bucelas, convidando todos, incluindo os que possuem mobilidade reduzida, a participar da história da região, do seu povo, do seu vinho e das tradições que uns e outros fizeram nascer.

just a repository of loose information, but a pulsating chronicle of collective existence, with all its difficulties, joys, and rewards.

Housed in a building whose history merges with the local wine-growing tradition, the museum has two distinct exhibition spaces. The permanent exhibition highlights the intricate dance of labouring in the vineyard and the venerable rituals of winemaking craftsmanship, inviting visitors to immerse themselves in the heart of these traditions. On the mezzanine level, dedicated to temporary exhibitions, discourses are consistently linked to the theme of wine.

The narrative of the Wine and Vineyard Museum doesn't stop at the visual, however. A shop beckons you with wine temptations, workshops regularly take place here and a wealth of knowledge resides in the Documentation Centre, whose activity is in itself a tribute to wine, the vineyard, the wine-growing territory of Bucelas. and the people who inhabit it, today as yesterday. Finally, an Interpretation Centre delves into the annals of the Peninsular War, a historical interlude woven into the fabric of the land itself.

The Wine and Vineyard Museum brings the centre of Bucelas to life, inviting everyone, including those with reduced mobility, to take part in the history of the region, its people, its wine, and the traditions that one and other gave birth to.



Contacto / Contacts
R. Dom Afonso Henriques, N.º 4
2670-637 Bucelas
(+351) 924 487 297
museu_vinho@cm-loures.pt
www.cm-loures.pt



CILT – Bucelas

Instalado no interior do edifício do Museu do Vinho e da Vinha, O Centro de Interpretação da Rota Histórica das Linhas de Torres – Bucelas é um equipamento municipal dedicado à exploração imersiva da Guerra Peninsular. Aqui, por entre os ecos da História, procura-se acender uma chama de entendimento interativa, numa homenagem ao espírito de defesa que há duzentos anos animou todo um povo. Irremediavelmente envolvidas numa trama de guerra tecida pelas potências europeias de então, as populações ergueram, sob orientação e comando Aliado, uma formidável rede de fortificações militares, gravando na sua memória coletiva o testemunho da determinação comum que então defendeu e salvou a cidade de Lisboa.

A visita a este espaço é um convite a desvendar os meandros das Linhas de Defesa de Lisboa, popularmente conhecidas como Linhas de Torres. Aqui encontra histórias de habitantes locais que empreenderam a árdua tarefa de construção de fortificações de campo. No meio destes esforços, a necessidade de sustentar as tropas com fornecimentos essenciais - quer se tratasse de alimentos, de vias militares ou da orquestração diária dos esforços de guerra - narra uma saga sem precedentes na região e no país. É uma ode ao esforço logístico que, em face da invasão iminente, alimentou a máquina militar do exército luso-britânico. Neste refúgio de contemplação histórica, os visitantes não são meros espectadores: são participantes no legado vivo de uma era passada.

Housed inside the Wine and Vineyard Museum building, the Interpretation Centre of the Historic Route of the Lines of Torres Vedras - Bucelas is a municipal facility dedicated to the immersive exploration of the Peninsular War. Here, amid the echoes of History, the Centre seeks to ignite a flame of interactive understanding, in homage to the spirit of defence that animated an entire people two hundred years ago. Irretrievably caught up in a war plot woven by the European powers of the time, the populations erected a formidable network of military fortifications under Allied command and supervision, engraving in their collective memory the testimony of the common determination that then defended and saved the city of Lisbon.

A visit to this space is an invitation to unravel the intricacies of the Lines of Defence of Lisbon, popularly known as the Lines of Torres Vedras. Here you'll find stories of local inhabitants who undertook the arduous task of building field fortifications. In the midst of these endeavours, the need to sustain the troops with essential supplies - whether it was food, military routes or the daily orchestration of the war effort - narrates a saga unprecedented in the region and in the country. It is an ode to the logistical effort that, in the face of the imminent invasion, fuelled the military machine of the British-Portuguese army. In this haven of historical contemplation, visitors are not mere spectators: they are participants in the living legacy of a bygone era.

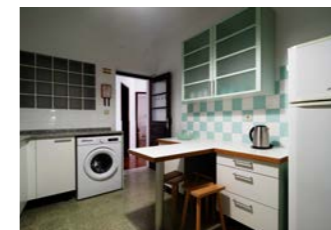
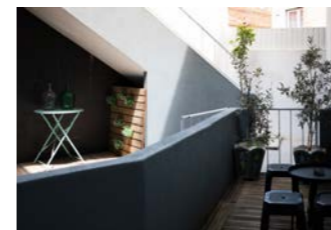
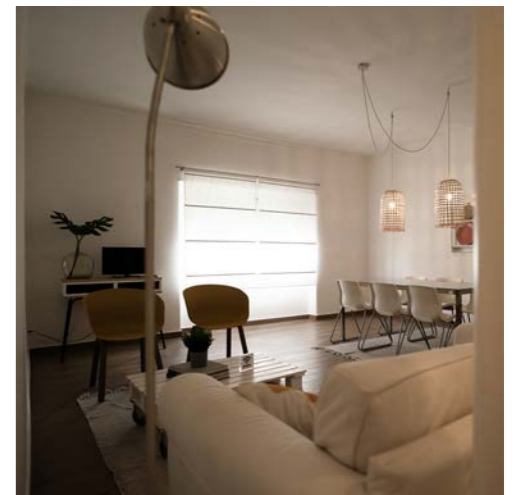


THE MINIMAL HOUSE

“Entre o azul do oceano e o verde de vinhas sem fim, temos The Minimal House no Bombarral” / ‘Between the blue of the ocean and the green of endless vineyards, we have The Minimal House at Bombarral’

Propriedade de Francisco Cipriano, The Minimal House é um edifício com dois apartamentos independentes localizado numa rua tranquila do centro do Bombarral. Misto de estética tradicional e moderna, incorpora memórias de infância e vivências de adulto do seu proprietário. Cipriano transformou a antiga casa dos seus pais num empreendimento de alojamento em 2018, procurando aliar um toque tradicional a elementos modernos, mantendo uma ligação ao campo, mas nunca perdendo de vista os gostos cosmopolitas. Os apartamentos apresentam uma mistura de design tradicional e contemporâneo, incorporando peças antigas com uma estética moderna. O apartamento superior, onde Cipriano passou a sua infância, apresenta elementos que refletem o seu percurso de vida. A casa serve de elo de ligação entre o passado e o presente, exibindo objetos colecionados por Cipriano, incluindo a secretária de madeira do seu pai e recordações das suas viagens. O apartamento superior dispõe de quatro quartos duplos com uma cozinha totalmente equipada, uma sala de estar e espaços comuns. O apartamento inferior tem três quartos com diferentes configurações de camas. The Minimal House atrai hóspedes de tipos diversos, desde os que são atraídos pelos jardins do Bacalhôa Buddha Eden, nas proximidades, aos turistas estrangeiros que a utilizam como base para visitas aos muitos atrativos da região Oeste e aos peregrinos que se dirigem a Fátima. Para apoiar a economia local, The Minimal House dispõe de uma *honesty shop* que disponibiliza produtos locais como vinho, sidra, doce de pera, mel e cerâmica da região. Cipriano colabora também com um café vegetariano para as opções de pequeno-almoço. The Minimal House é hoje um ponto de encontro de narrativas e experiências, relevando a riqueza da região Oeste e as suas atrações.

Owned by Francisco Cipriano, The Minimal House is a building with two independent flats located in a quiet street in the centre of Bombarral. A mix of traditional and modern aesthetics, it incorporates both childhood memories and adult experiences of its owner. Cipriano transformed his parents' old house into an accommodation development in 2018, seeking to combine a traditional touch with modern elements, maintaining a connection to the countryside but never losing sight of cosmopolitan tastes. The flats feature a mix of traditional and contemporary design, incorporating antique pieces with a modern aesthetic. The upper flat, where Cipriano spent his childhood, features elements that reflect his life journey. The house serves as a link between the past and the present, displaying objects collected by Cipriano, including his father's wooden desk and memorabilia from his travels. The upper flat has four double bedrooms with a fully equipped kitchen, a living room and communal spaces. The lower flat has three bedrooms with different bed configurations. The Minimal House attracts different types of guests, from those who are drawn to the gardens of the nearby Bacalhôa Buddha Eden, to foreign tourists who use it as a base for visiting the many attractions of the Oeste region and pilgrims heading to Fátima. To support the local economy, The Minimal House has an 'honesty shop' offering local products such as wine, cider, pear jam, honey and ceramics from the region. Cipriano also collaborates with a vegetarian café for breakfast options. The Minimal House is now a meeting point for narratives and experiences, showcasing the richness of the Oeste region and its attractions.



CONTACTOS / CONTACTS:
 Rua Camilo José Soares, N.º 27
 2540-069 Bombarral
 (+351) 926 806 203
 info@theminimalhouse.pt
 www.theminimalhouse.pt

MAPS & PLANS
OF THE PRINCIPAL
MOVEMENTS, BATTLES AND SIEGES
IN WHICH THE
BRITISH ARMY
WAS ENGAGED DURING THE WAR
FROM 1805 to 1814

/ PRATA DA CASA / HOMEMADE

UM LIVRO DE PESO

A Weighty Book



Há duas décadas, o município de Sobral de Monte Agraço adquiriu a obra *Maps & Plans of the principal movements, battles & sieges, in which the British army was engaged during the war from 1808 to 1814*, por considerá-la uma referência para o estudo dos principais movimentos e batalhas das tropas britânicas durante as guerras napoleónicas.

Produzido em Londres pelo geógrafo da rainha, James Wyld, a obra inclui mapas e planos litografados, coloridos à mão, que ilustram os principais movimentos e posições, batalhas e cercos em que o exército britânico esteve envolvido durante a Guerra Peninsular.

Além dos 38 mapas e planos, integra também algumas características geográficas, texto e inserções; três mapas com sobreposições coloridas; sete mapas com visualizações de vinhetas; e uma placa litografada com cinco visualizações.

Hoje, este livro integra a coleção do Centro de Interpretação das Linhas de Torres de Sobral de Monte Agraço. Algumas das suas litografias foram reproduzidas ao longo da exposição permanente e o original está patente numa vitrina da mesma exposição, podendo ser “folheado” através do quiosque digital que se encontra junto a ele.

A obra foi digitalizada na íntegra de forma a estar acessível a todos os que se interessem por conhecê-la, no âmbito do projeto “Digitalização de fontes locais sobre a Guerra Peninsular (1807-1814)”. Esse projeto permitiu tornar pública uma coleção de fontes locais das Linhas de Torres Vedras, por meio da disponibilização de documentos que se encontravam nos arquivos dos municípios de Arruda dos Vinhos, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira.

O projeto foi apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, tendo a digitalização sido realizada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, contando com a curadoria de Irina Lopes.

Two decades ago, the municipality of Sobral de Monte Agraço acquired *Maps & Plans of the principal movements, battles & sieges, in which the British army was engaged during the war from 1808 to 1814*, as it considered it a reference for studying the main movements and battles of the British troops during the Napoleonic wars.

Produced in London by the Queen's geographer, James Wyld, the work includes hand-coloured lithographed maps and plans illustrating the main movements and positions, battles, and sieges in which the British army was involved during the Peninsular War.

In addition to the 38 maps and plans, it also includes some geographical features, text and inserts; three maps with coloured overlays; seven maps with vignette views; and a lithographed plate with five views.

Today, this book is part of the collection of the Interpretation Centre of the Lines of Torres Vedras in Sobral de Monte Agraço. Some of its lithographs have been reproduced throughout the permanent exhibition. The original is on display in a showcase in the same exhibition and can be “flicked through” using the digital kiosk next to it.

The book has been digitised in its entirety so that it can be accessed by anyone interested in knowing more about it, as part of the 'Digitisation of local sources on the Peninsular War (1807-1814)' project. This project made it possible to publicise a collection of local sources on the Lines of Torres Vedras by making available documents that were housed in the archives of the municipalities of Arruda dos Vinhos, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras and Vila Franca de Xira.

The project was supported by the Calouste Gulbenkian Foundation and the digitisation, curated by Irina Lopes, was carried out at the Torre do Tombo National Archive.



A obra foi digitalizada na íntegra de forma a estar acessível no âmbito do projeto “Digitalização de fontes locais sobre a Guerra Peninsular (1807-1814)”

The book has been digitised in its entirety so that it can be accessed by anyone interested in knowing more about it, as part of the 'Digitisation of local sources on the Peninsular War (1807-1814)' project

Para aceder online a estes e outros documentos relativos às Invasões Francesas em Portugal, visite a página deste artigo no portal InvadeMAG, em invademag.pt.

To access these and other documents relating to the French Invasions in Portugal online, please visit the page for this article on the InvadeMAG portal at invademag.pt.

CONTACTS / CONTACTS

CILT de Sobral de Monte Agraço
Praça Dr. Eugénio Dias, N.º 12
2590-015 Sobral de Monte Agraço
(+351) 261 942 296
cilt@cm-sobral.pt



Rota Histórica
das Linhas de Torres

Adega Cooperativa da Lourinhã

Cooperative Winery of Lourinhã